



Todo o crescimento guarda em si um processo gradual que, em seu caminho, integra múltiplas experiências, se aperfeiçoa e se condiciona ao meio de maneira dinâmica. Uma parte importante dessa formação multidisciplinar, articulada indissoluvelmente com os educadores, utiliza a fórmula de um aprendizado universitário eficaz do qual, é claro, a arquitetura participa. Aprender arquitetura significa crescer em uma disciplina que enfrenta continuamente desafios econômicos, técnicos, ambientais, sociais e culturais, entre muitos outros, e que, no futuro, delinea sua formação profissional com o compromisso de contribuir para o bem-estar do ser humano e de seu habitat.

Essa foi a abordagem que deu origem a esta edição especial da *Arquitecturas del Sur*, comemorativa ao 50º aniversário da Escola de Arquitetura da UBB. A série de artigos começa precisamente com um texto de Flavio Valassina, que narra as progressões dos oito currículos desta Escola, revela a trajetória acadêmica que deixa seus protagonistas orgulhosos e confirma, além disso, que após cinco décadas de experiência, as salas de aula ocupam a terceira posição em nível nacional entre seus pares e continuam a garantir aos alunos um perfil disciplinar de graduação com vocação regional, que a distingue entre as instituições do sul do Chile.

A atenção que as grades curriculares dão às áreas de projeto e aos ateliês de criação são indispensáveis no treinamento disciplinar, aspectos que - como quase todo o sistema universitário global - tiveram que se adaptar às resoluções de Bolonha (1999) e que reorganizaram os sistemas. As reflexões que surgiram após este tratado, focadas na didática da sala de aula e que contemplam o novo perfil do estudante do século XXI, são abordadas por um grupo de arquitetos das universidades de Alcalá, Técnica Federico Santa María e de Bio- Bio. Na mesma linha, apesar de focado nos processos criativos, continua o artigo de Mauricio Laguardia-Campomori, da Universidade Federal de Minas Gerais (Brasil), que sugere favorecer o jovem estudante - millennial -, integrando-o ao seu contexto graças ao próprio fazer arquitetônico. Apoiando a qualidade da arquitetura que torna inseparáveis a teoria e a prática, e na qual a pesquisa anterior desempenha um papel inevitável. A caneta de Alexander González Castaño (Colômbia) fornece um relato de resultados inovadores decorrentes da aplicação de estratégias de ensino baseadas em de exercícios lúdicos prévios à concepção do projeto.

O bloco de artigos seguinte contribui para os ramos da História e do patrimônio arquitetônico, focados no aprendizado da complexa realidade latino-americana. Assim, o texto de Fernando Martínez Nespral (UBA, Argentina) propõe desassociar alguns dos modelos tradicionais do currículo em vigor na História e propõe vinculá-los a um discurso mais real e mais próximo da interculturalidade do subcontinente. Por outro lado, uma equipe de professores da Universidade Federal do Espírito Santo (Brasil) apresenta uma metodologia de análise e intervenção em exemplos patrimoniais muito cotidianos aos alunos e descobre, dessa forma, os resultados que atingem essas ações de projeto fora da sala de aula.

O planejamento urbano também é objeto de aprendizado, e dois artigos o analisam através de exercícios que reafirmam a importância do vínculo social e do itinerário acadêmico. Isso é explicado por três professores da Universidade de Cuenca (Equador), que compartilham sua experiência em cidades pequenas e, de uma perspectiva semelhante, Luz Vera Santana, de Campinas (Brasil), que se refere a uma prática executada na periferia de São Paulo, em que triangulou a arquitetura e o desenho de mobiliário urbano, além de integrar um pilar inevitável na aprendizagem da arquitetura deste novo milênio: a participação popular e cidadã.

A partir da didática nas aulas de arquitetura, esse aprendizado deve ser entendido como um legado flexível, baseado em redefinições dinâmicas e síncronas para cada sociedade; assumido como elo entre alunos e professores, cujo objetivo é formar um profissional com capacidade técnica e pensamento crítica, mas, acima de tudo, ser dono de um compromisso social e ético absoluto com a sociedade em que está inserido. É disso que se trata aprender arquitetura.